

EMANCIPAÇÃO: CONCEITO E PRÁTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Alana Bardella da Silva (UEMS)

8bardella@gmail.com

Nataniel Gomes dos Santos (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

A educação, numa perspectiva ampla e crítica, tida sob influência da teoria marxista, admite que emancipar conscientiza os produtores de sentido sobre a existência dos moldes opressores e determinantes da sociedade, ou seja, dos padrões ligados à relação de poder que operam constantemente nas estruturas educacionais. Sob essa ótica, Foucault (1979) considera que não há como fugir das relações de poder. Uma das definições que ilustram o termo "emancipar" é: "tornar-se independente, libertar-se" (Wikipédia). O processo emancipatório apresenta diversas contradições e incoerências, visto que, no âmbito educacional, a ideia de que o professor intervém como lhe apraz, tornando-se o revelador da "verdade" e, por sua vez, o único e absoluto detentor de conhecimento (o professor sabe, o aluno ainda não) é uma das amarras que fundamentam a relação de desigualdade e dependência entre um e outro – o aluno depende do professor. (RANCIÈRE, 2010). Para Maciel (2015), a emancipação, no processo de formação de professores, acontece quando há uma ruptura na premissa de que criticidade, e só pode ser alcançada pelo emancipador. E ele, por sua vez, é quem descortina o saber ao emancipado – o que torna essa relação (emancipador-emancipado) desigual. Maciel (2015) reforça ainda a mudança genealógica sofrida pelo termo "emancipação", anteriormente tido apenas como prática vertical (Eu o liberto de determinada função por meio das relações de poder que nos competem), e sob nova perspectiva, a valorização das alternativas que podem surgir, visto que a relação professor-aluno é dinâmica, complexa e múltipla. Nessa perspectiva, o que implica o conceito de emancipação para a formação de professores?